

Antônio Ermírio pede mais

São Paulo — “O setor privado é o pára-choque entre a área estatal e as multinacionais e nós precisamos de maior liberdade para trabalhar e não de tutela”, afirmou, ontem, o diretor-superintendente do Grupo Votorantim, Antônio Ermírio de Moraes, após ser escolhido líder empresarial do país, num discurso eminentemente político, em que recomendou “muita serenidade e equilíbrio na escolha do futuro Presidente da República”.

Eleito com 24,7% dos votos dos empresários, na pesquisa da revista **Balço Anual**, da **Gazeta Mercantil**, Antônio Ermírio de Moraes destacou que “o Brasil está, hoje, entre um estadista e um político. Todos nós sabemos que o estadista é aquele que pertence à nação, enquanto o político pensa que a nação lhe pertence”. Para o empresário, “o importante é que haja muito equilíbrio para que o leilão milionário de votos não seja influenciado pelo dinheiro, mas pela competência e decência”.

Intervenção

Numa crítica à intervenção do Estado na economia, Antônio Ermírio definiu o Governo como “a massa branca do cérebro, cuja função é distribuir informações”, observando que, hoje, “os empresários apenas recebem instruções de Brasília, embora representem a massa cinzenta do cérebro, ou seja, aquela que pensa e realiza”.

Destacou que, “apesar de todo o quadro de crise que atinge o país, nos últimos anos, o Brasil registrou um grande avanço político-econômico e, hoje, já podemos conversar neste local sem tensões”. Lembrou que, em 1977/78, depois de um encontro de apresentação de líderes empresariais, “era comum chegar ao escritório e receber telefonemas dos Ministros do Planejamento, Fazenda, Indústria e Comércio e outros, pedindo explicações e reclamando das entrevistas à imprensa”.

A redução do crédito-prêmio à exportação foi criticada pelo empresário, que vê, na medida recentemente adotada pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), “um foguete para o próximo Governo”. No momento em que se referia ao crédito-prêmio, Antônio Ermírio disse: “Ainda bem que o Abílio Diniz (diretor-superintendente do Grupo Pão de Açúcar, que estava ao seu lado) já saiu de lá. Mas, olhando para outro lado, emendou: “Tem ali o Luís Eulálio (presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo - FIESP), que sempre aplaude as decisões do Conselho Monetário e nunca sai de lá.”

Sobre o próximo Governo, o diretor-superintendente do Grupo Votorantim destacou: “Seja quem for o novo Presidente, ninguém deve esperar milagres. A situação é muito difícil, e o sucesso dependerá de muita serenidade e equilíbrio.”

Com relação à participação do empresariado no processo sucessório, Antônio Ermírio de Moraes destacou que, “embora os empresários não possam votar diretamente, todos têm que fazer uma opção. Na minha opinião, ninguém deve ficar em cima do muro”, fazendo uma pausa e olhando para o presidente da FIESP, Luís Eulálio de Bueno Vidigal Filho (que ainda não manifestou apoio a nenhum dos candidatos), o que provou risos dos integrantes da mesa.

Reivindicações

Antônio Ermírio de Moraes considerou que a agricultura, com a abertura de novas áreas de plantio; dívida interna, reforma plena e ampla da Justiça; e a intensificação da prospecção de petróleo, são metas a que o próximo condutor da política econômica deve dar prioridade.

Para Abílio Diniz, diretor-superintendente do Grupo Pão de Açúcar, é imprescindível que o futuro Governo tenha como meta fundamental a volta do crescimento do mercado interno, com uma política que incentive a criação de novos empregos. Segundo ele, é preciso também manter as exportações em expansão, compatibilizando-as com o reaquecimento interno da economia: “Só assim será possível pagar a dívida externa”. Ele defendeu, ainda, a redução da ingerência do Estado na economia e maior liberdade à iniciativa privada.

Laerte Setúbal, vice-presidente da Duratex, também considera fundamental o desenvolvimento contínuo da agricultura, como forma de ampliar as exportações e atender ao mercado interno. Com relação à participação do Estado na economia, manifestou-se a favor de uma política que evite que o Estado concorra com a iniciativa privada.

Luís Eulálio de Bueno Vidigal Filho, vice-presidente da Cobrasma e presidente da FIESP, e José Ermírio de Moraes, presidente do Grupo Votorantim, consideraram a previdência social como um grande desafio para o próximo Governo e pediram atuação eficiente para solucionar o problema. Defenderam maior liberdade à iniciativa privada para que sejam possíveis maiores investimentos e, conseqüentemente, geração de mais empregos.

São Paulo — Arioaldo dos Santos

FINANÇAS

quarta-feira, 10/10/84 □ 1º caderno □ 19

espaço para setor privado